

Certas classificações, estabelecem a existência de uma cultura tradicional que se contrapõe a uma cultura aculturada. Por cultura tradicional se entende aquela que, nas suas manifestações, formas e conteúdo, revela e incorpora concepções, valores e se expressa por materiais e técnicas exclusivamente locais, numa dada sociedade.

Cultura aculturada será aquela que é já resultado da interacção entre uma cultura local e formas, concepções e valores próprios de culturas estrangeiras.

Essa cultura aculturada, dizem os seus teóricos, normalmente funciona paredes-meias com a cultura tradicional, em sociedades que sofrem o impacto da dominação colonial e consequente incidência do binómio rejeição-assimilação.

Cultura aculturada, é por isso um conceito cuja aplicabilidade costuma ser restringida ao estudo de sociedades não-européias.

Com toda a legítima relutância que possamos ter, como expediente de análise, tomemos de empréstimo este conceito, e façamos mesmo a ginástica necessária para aceitar essa característica estranha de a aculturação não se poder considerar às avessas, porque então, passa a chamar-se «afrealização».

Vamos admitir, portanto, que em Moçambique, coexistem uma cultura tradicional e uma cultura aculturada.



Cultura Tradicional,
cultura
aculturada,
reafrikanização
da cultura
numa reflexão,
de
Luís Bernardo Honwana.

A nossa cultura é só a sua metade

O PAPEL DA LITERATURA

Quando falamos da Literatura, excluímos dela a Literatura oral, que há quem proponha se designe **Oratura e não Literatura**, porque essa só pode ser a que está reduzida a escrito.

A Literatura moçambicana surge como expressão mais alta da cultura aculturada no nosso país. Ela nasce como forma de recreação, protesto, reivindicação e, finalmente, conscientização, naquele segmento da sociedade moçambicana cuja inserção na economia colonial conferiu acesso à escolarização.

Os produtores da Literatura moçambicana têm por isso expressão numérica bem modesta, porque de algum modo proporcional ao desenvolvimento da economia colonial. Os nossos escritores são pequenos funcionários, são operários, são filhos de cantineiros, são moradores de certos bairros da periferia das grandes cidades. Raramente são pretos, poucos, mulatos, e brancos pobres, filhos da terra.

A sua produção começa a afirmar-se nos últimos anos da monarquia portuguesa, mas sobretudo, ao longo da Primeira República (Portuguesa). Essa produção aparece nos jornais menos como literatura que se assume como tal, do que como reportagem, crónica, editorial. O escritor é repórter, redactor, correspondente, mas também, curiosamente, muitos compositores e revisores tipográficos, arriscam de quando em vez, o seu pedaço de prosa, os seus versos.

Historicamente é primeiro nos jornais que se denuncia o racismo vigente, as injustiças sociais, que se faz a defesa dos direitos dos «ingigénas», que se fazem reivindicações operárias e se animam acções grevistas. É através dos jornais que a emergente burguesia local, contesta as relações económicas e sociais de destovar que a Metrópole lhe impõe e, por esta via, aparecem incorporadas na Literatura moçambicana os portugueses liberais residentes, como componente importante.

É nos jornais que começa a ter expressão um certo associativismo que no seu desenvolvimento, vem assumir aspectos nacionalistas. Só depois da segunda guerra mundial é que a literatura moçambicana, por assim dizer, se autonomiza do jornalismo. É de registar aqui, que as peças literárias produzidas nesses tempos pioneiros, viviam um pouco na «estleira» da literatura colonial que então se praticava.

Entendemos por literatura colonial, a literatura produzida pelos colonos, exploradores e viajantes portugueses, descrevendo de forma humorística e distanciada o existismo das paisagens, usos e costumes que lhes era dado observar. Em muitos das crónicas jornalísticas dos primeiros escritores moçambicanos, só pela análise temática é que chegamos à conclusão de que se trata

de uma visão moçambicana da realidade.

Desses textos ainda estão ausentes, o ritmo, a cor, a imagem que virão mais tarde enriquecer, dar carácter, à literatura moçambicana.

Nos anos 50 e 60, produz-se muito do que até este momento existe de mais importante na literatura moçambicana. Por um fenómeno de polarização social, os nossos escritores, principalmente os poetas, assumem-se rigorosamente como voz colectiva, transcendendo os limites estéticos e políticos da pequena burguesia local, donde na sua grande maioria são oriundos.

É aqui entra em cena a teatralização que, de acordo com Mário de Andrade, teria tido como grande via e campo de realização, justamente, a literatura. Esta é a fase em que a literatura moçambicana viveu a sua maior animação.

Multiplicam-se as páginas literárias, surgem revistas, antologias, edições individuais e colectivas, fazem-se recitais de poesia. Alarga-se comitadamente o universo leitor. A literatura moçambicana, já não se produz apenas para exclusiva fruição dos colonos, que são contra quem se escreve, e das camadas intelectuais.

Os moçambicanos já soletram os seus poetas, já se identificam com as situações que narram os seus contistas. Afinal de contas, conclui-se, embora escrevam em português, os nossos escritores, de quem de momento, pouco interessa discutir a origem, escrevem para combater a opressão colonialista.

POESIA DA VITÓRIA

É neste contexto que irrompe a poesia da vitória — expressão que propomos para designar a copiosa produção poética que marcou nas páginas e revistas literárias, nas secções de correspondência popular dos jornais e da própria rádio, a derrota do colonialismo. Poesia da vitória porque ela comemora, festeja e, em muitos casos quase que só se justifica pela alegria da conquista do direito à palavra impressa. Por parte daqueles que não são produto da aculturação nem foram expostos ao processo da assimilação.

Trata-se de uma poesia de circunstância. Uma poesia essencialmente testemunhal e episódica. Uma poesia que não pressupõe poetas, que não implica um exercício continuado, um aprendizado. O verso é rude, o verbo não é moleável, o empolgação resulta da consciência da «ousadia» do estar dizendo, e não tanto do que se está a dizer.

A poesia da vitória é uma firmoção do ser, afirmação truculenta, porque inteira, orgulhosa e rejeitadora de tudo que possa, ainda que vagamente, ser ou parecer alienígena. Na lógica estreita desta poesia da vitória, as formas aculturadas de arte são imediatamente considerados formas poluídas, formas alienígenas, formas estrangeiras. Busca-

-se autenticidade, busca-se na tradição que ninguém tem tempo de julgar se boa, se má, o suporte cultural do ser. Não se trata de retomar enquanto tais, as léses da negritude. Trata-se apenas de afirmar o que foi negado e de usar na afirmação a mesma veemência com que se sentiu e sofreu a negação. O promocionamento da poesia de circunstância, justificado pela sua carga de libertação, pela sua função colátrica, enfim, pelo seu interesse político, implícito ou retratado da literatura outra, de tal modo que a independência não correspondeu, como seria de esperar, a um ressurgimento literário. E é facto que a irrupção poética, que se verificou desde o governo de transição apresenta ineludível, uma componente de xenofobia, que acrescentada à redefinição de nacionalidade de muitos escritores até há pouco tidos como moçambicanos, justifica um sentimento de suspeição em relação à literatura que se praticava na zona ocupada. O novo papel de o escritor e algumas ideias mais, os problemas materiais da produção literária são facilmente ultrapassáveis, felizmente.

HOJE

Hoje, já não se pode dizer da questão nuclear que é a redefinição na nossa sociedade e no nosso processo revolucionário, do papel, do lugar e da função do escritor. Em última análise, de parceria com uma política editorial pouco encorajadora, a falta dessa definição conduziu a uma situação que inibe a produção literária.

Mas isso conduz-nos ao problema maior, que é a questão cultural.

O nosso Partido tem-se debruçado por várias vezes, sobre o problema da cultura e arte. Temos muitos textos que referem e denunciam a utilização da cultura pelos colonialistas como «arma para promover o divisionismo e a dominação», e, por outro lado, a utilização positiva da cultura, no processo da luta armada de libertação nacional como instrumento de unificação, integração, libertação e afirmação da personalidade do homem moçambicano.

Noutros textos, a partido chama a atenção para o perigo de a cultura poder ser utilizada como via de perpetuação dos valores da sociedade velha, dos valores burgueses, em oposição aos valores populares, que devemos assumir e defender.

Os textos são claros na sua orientação programática e respondem a situações concretas que houve que enfrentar no nosso passado recente. Todavia a interpretação correcta das directivas necessita de algum esforço de clarificação.

É fácil estarmos de acordo quanto à definição de cultura, conjunto de conceitos, atitudes e acções que num determinado contexto histórico trazem o maneira de ser de um povo, o seu relacionamento com os outros povos, a sua interpretação dos fenómenos da vida e da na-

tureza, a sua explicação do universo e do destino do homem.

Todavia, já não é fácil respondermos a uma questão aparentemente mais prosaica, de quais são os componentes da nossa cultura.

Cerfamente muito mais difícil será obtermos consenso quanto à forma de intervir no processo cultural em ordem a reflexivamente operar no homem as transformações que as exigências do desenvolvimento tornam imperativas. A prática entre nós, tem sido a de privilegiar certas manifestações culturais, como a dança e canção tradicional, p'estatuária, a pintura e a escultura, em detrimento da literatura, do teatro e de outras manifestações culturais não tradicionais.

No prática, aceitamos a tal dicotomização entre cultura tradicional e cultura aculturada, situando na primeira, não só as raízes de uma personalidade moçambicana, como até toda a possibilidade de desenvolvimento cultural.

Desta forma resulta que, a nossa cultura, é só a sua metade, e não vale o expediente de xenofobia, que nos dá de se dizer, como já se disse de certas formas artísticas não-tradicionais — «o nosso povo não compreende, não gosta». Note-se que por exemplo a pintura a óleo, guache e aguarela, o desenho a tinta da china ou a carvão, são formas artísticas que em si, nada têm a haver com a nossa tradição. Contudo, a pintura de um Malangatana, de um Monkeu, são já e definitivamente pintura moçambicana por direito próprio, e sem que se possa jurar que a grande maioria do nosso povo domine minimamente o vocabulário pictórico desses nossos grandes artistas. O grande risco é o de cairmos na armadilha do nacionalismo cultural, e impormos, como limites da criatividade, os valores legados pela tradição.

Aos artistas competirá então apenas a preservação e exaltação desses valores sem qualquer perspectiva crítica. Ora, nós defendemos que artista é essencialmente um inovador, um criador. E a um criador, pensamos, compete beber na fonte apropriada, isto é, do povo, dos seus problemas, os seus anseios, e seu viver, saber da história, das tradições, mas também da luta incessante pelas transformações, pelo progresso.

De posse desse material e armado da sua sensibilidade técnica-inventiva, o criador reelabora, sintetiza e recria. O artista não é um simples depositário do passado. Ele é essencialmente um construtor do futuro, um questionador do presente. É através da acção do artista que o povo se apropria do património cultural, enriquecendo a sua experiência com a experiência de outros povos, ampliando os horizontes da sua cultura, tão logo as relações entre as comunidades humanas não sejam as do dominador

e dominado, de explorador e explorado.

Aquilo a que se chama aculturação, e se tem por infidelidade às origens ou cedência a valores estrangeiros, passa a significar empatia, troca, aquisição, ou mesmo conquista, como é para nós, a própria língua portuguesa, língua oficial na República Popular de Moçambique. Passa portanto sem necessidade de demonstração a importância do papel do escritor e da literatura no nosso processo cultural. E por isso, talvez devamos remeter a relativa crise de produção literária que ocorre desde a Independência, às próprias dificuldades de clarificação da questão cultural. Mau grado as limitações que se lhe impõem, como o baixo índice de alfabetização no nosso país, a literatura é de entre todas as expressões culturais, aquela que tem maior incidência ideológica. O seu material é a palavra, a sua característica, é a alta capacidade de descrever, de caracterizar, de analisar.

O escritor moçambicano é essencialmente um lutador. Foi-o na resistência, foi-o na luta clandestina, foi-o na luta armada, foi-o até na coragem de reafrikanização. Ele deve agora encontrar as suas fontes de motivação no patriotismo, na afirmação da personalidade moçambicana, no combate às sequelas do colonialismo, ao racismo e ao tribalismo e pela unidade nacional dentro da ampla frente anti-imperialista.

É rico o temário que oferece o quotidiano nestes anos de construir uma pátria. Há o entrecchoque das experiências humanas mais diversas, o insólito das situações resultantes do aprendizado de novas conceções, a exaltação do poder conquistado a sabor fresco da liberdade, o amor redescoberto, o orgulho. Tudo isso, em simultâneo com o desmoronar do mundo ancestral, das sinecuras coloniais, com o desfazer das grandes famílias, desposadas pela revolução das suas terras, de seus prédios de rendimento, desmoralizados pelo igualitarismo dos GD's e das bichas.

É, naturalmente, não está ainda esgotada a narração do sofrimento dos vítimas do colonialismo, não está completamente feito o retrato dos anos sombrios da dominação. Este momento é também rico de sugestões formais com a introdução na língua oficial de tantos termos e expressões novos com as mais inesperadas variações semânticas e reformulações gramaticais.

Estamos certos de que chegou o momento de corrigir as concepções erradas que porventura tenhamos defendido sobre a nossa cultura. É tempo de defendermos que a cultura moçambicana deve ser uma na sua identidade nacional, rica na multiplicidade das suas formas e expressões e viva por interacção com a cultura de outros povos. ■